



Director literario:

Arquibaldo Campesina
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Juarezollala
PAPUSSE

ZÉ DA ESTRADA CAVALEIRO



Zé da Estrada fanfarrão,
Apesar de ser um «pilha»,
Tinha imensa presunção
Em montar à maravilha.



Ao pé do compadre Bento,
A quem se estava gabando,
Ei-lo a montar no jumento
Que se põe espinoteando.



Mas, nisto, ao vê-lo cair,
Logo o Bento, seu patrício,
Murmura, rindo a bom rir:
— «Ai, meu amigo, outro ofício!...»



Volve, então, o Zé da Estrada,
Maguado nas canelas:
— «O montar não custa nada,
O descer é que são elas!...»

Tirolónio

O PRINCIPE PARDAL

POR

MANUEL C. CALVET MAGALHAES

DESENHOS DO AUTOR

SE já estão fartos de correr e de brincar, venham cá; sentem-se aqui ao pé de mim e oiçam o que succede há uns dias a um rapazito pequeno, que eu conheço, chamado Alberto.

Estava êle no jardim da sua casa, brincando aos soldados com pedritas de côres, quando, ao ir apanhar mais algumas para completar um batalhão, viu, perto dêle, um passarito que saltava, como se quizesse voar e não pudesse.

sucede alguma, chegamos a duvidar até dos nossos próprios sentidos.

Foi o caso que, estando Alberto já quasi a dormir, viu a gaiola começar a crescer, a crescer tanto que já chegava ao chão, e o passaro tirar a cabeça de entre as âsas e crescer, crescer também até ficar do tamanho dum homem.

Cheio mêdo, Alberto ergueu-se na cama. Quiz gritar mas não poude; os seus olhos, deslumbrados, viram o passaro transformando-se, lentamente, em homem, mas não num homem vulgar, num lindo homem, lato e magnificamente vestido, com uma grande espada, coisa assim à moda dum rei ou coisa parecida.

Enquanto Alberto começava a tranquilisar-se, o homem da gaiola mefeu a mão por entre as grades, abriu a porta, saiu e acercou-se da cama.

— Não te assustes — disse êle a Alberto — pois agora te direi quem sou. Não venho fazer-te mal, venho apenas agradecer-te o bem que me fizeste, e pedir te um favor.

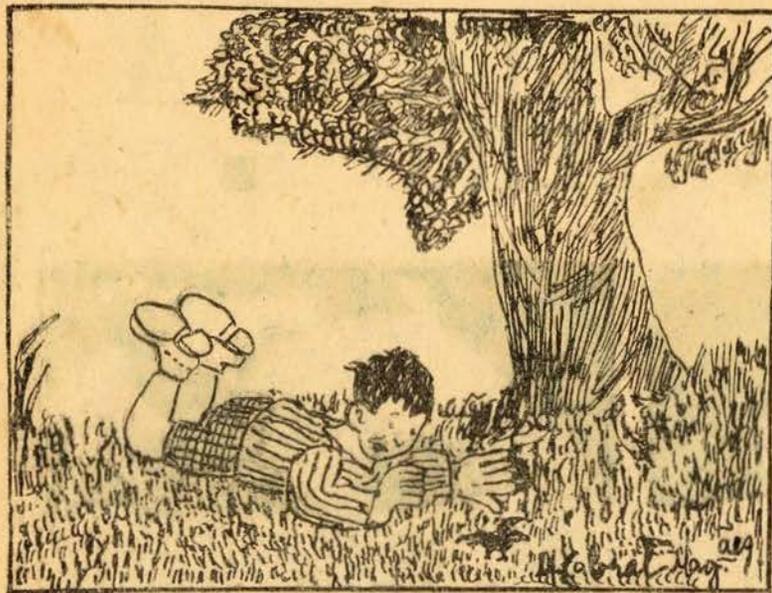
Alberto, já refeito do susto que tivera, ouvia-o de boca aberta.

O homem-passaro continuou, então, a falar-lhe desta maneira:

— O meu país, que é muito longe daqui, vivia feliz e próspero sôb o reinado dum rei ainda novo, de grande coração e inteligência. Um dia, porém, um bando de bandidos caiu, de chôfre, sôbre os paços régios e, o nosso rei, deveu, apenas, o conservar ainda a vida, ao facto de ter dedicados amigos, que fugiram com êle e se embarcaram para longe. Depois disso, os bandidos implantaram no meu país um regimen que só vive do roubo e do crime,

onde todos, os que são fieis ao nosso rei, são perseguidos, vexados, presos ou expulsos. Onde os padres são espancados, e onde hoje, em vez de alegria e bem estar, só vive o roubo, o crime, a miséria é o luto. O povo, todo tem verdadeiro ódio aos bandidos, porém, não protesta, porque as vinganças são tremendas.

Quando não tem dinheiro, roubam-no ao povo. Quando alguém resiste a cumprir as ordens dos bandidos, logo so-



Fitou-o um momento sem pestanejar. A seguir, aproximando-se devagarinho, muito devagarinho, zás!... agarrou-o.

Que alegria, santo Deus!...

Como saltou e cantou Alberto, vendo na mão um pássaro tão bonito! Porque a êle pareceu-lhe muito formoso, embora não passasse dum simples pardal.

Correu logo a mostrá-lo à mãe. Depois quiz dar-lhe de comer; mas, o pobre passarinho, com o susto, não tinha vontade, e nem provou, sequer, um bocadinho de pão de ló.

Alberto, para tentar o úllimo recurso, disse-lhe, então, muito sério, ameaçando-o com um dedo:

— Olha... se não comes, morres! — Mas nem assim o convenceu.

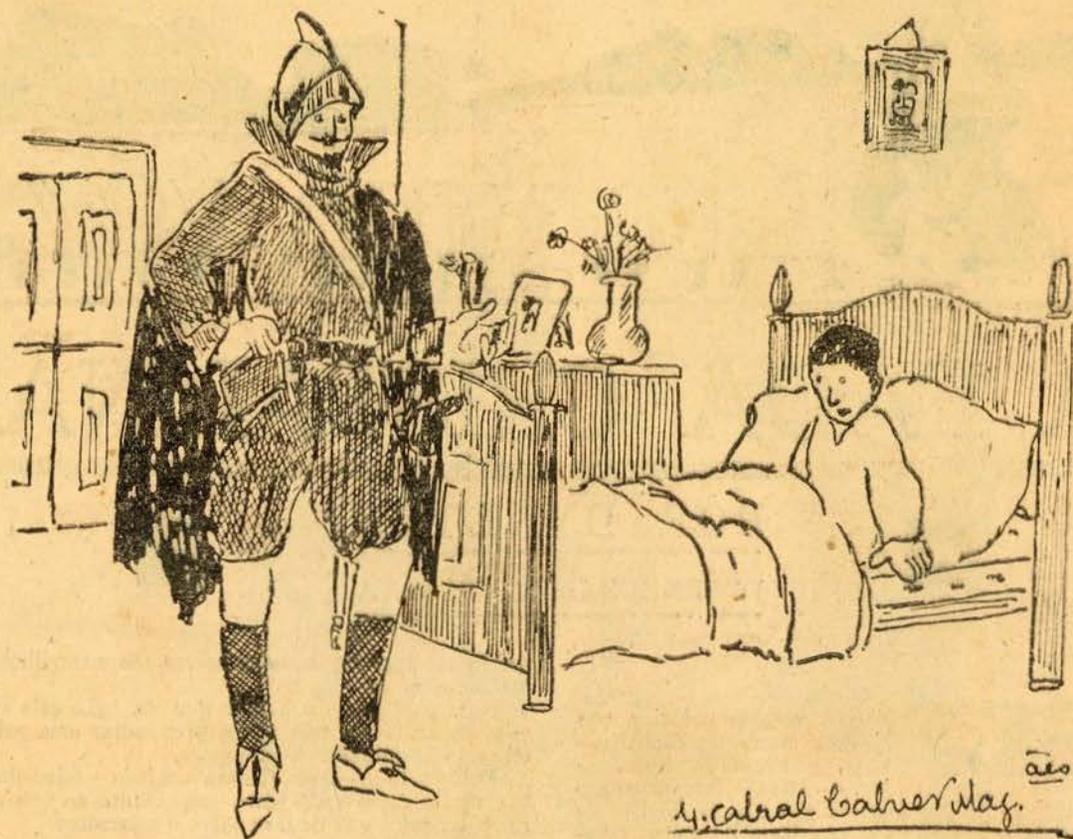
Então, meteu-o numa gaiola e pô-lo à janela.

Todo o dia passou junto dêle. Nem mesmo quiz ir passear, para fazer-lhe companhia. Quando se cansou de olhar para êle e de lhe falar, sem conseguir resposta, pegou num livro de contos maravilhosos, que lhe tinham dado no colégio, como prémio, e passou o resto da tarde a lêr.

Chegou assim a noite; a hora de Alberto se deitar. Como tinha já um grande affecto ao seu pardal, depois de rezar e dar as boas noites a seus pais, pendurou a gaiola numa escápula, mesmo defronte da cama.

Pois, meus amigos, aqui é que começa a parte interessante do meu conto, que encheu de assombro os meus amiguinhos, como succederia, aliás, a qualquer outro, pois hoje são raras as fadas, os encantamentos e todas as maravilhas que nos contam dos tempos em que elas eram mais do que grãos de areia. Maravilhas que parecem sempre invenções fabulosas e absurdas, muito lindas para ler e ouvir contar, mas não para nos succederem na vida. E se, por ventura, nos





4. Cabral Cabrerilay.

fre os mais barbaros castigos, a que eles chamavam, por escárneo, a «justiça do povo».

Quando não lhes bastam as armas, os bandidos armam-se de varapáus, grandes mócas, ferros, tudo o que lhes convém. Deitam as mãos aos encantamentos para castigarem os rebeldes e satisfazerem todos os seus caprichos.

Finalmente, é uma tirania monstruosa e eu sou uma das suas vítimas.

Meu pai era o antigo rei. Todos o respeitavam na corte, tinha uma filha muito formosa, com a qual o rei dos bandidos pretendia casar-se. Um dia apresentou-se esse bandido em nosso palácio, seguido dum cortejo de bandidos, para participar a meu pai os seus desejos e pedir minha irmã em casamento. Não agradou, porém, a meu pai o desejo do bandido, que é um grande criminoso, vindo da mais baixa plebe, e sem qualidade alguma para casar com qualquer menina virtuosa. Meu pai, negou-lhe, por isso, a mão de minha irmã.

Oxalá nunca o tivesse feito!

Ficou uns momentos o bandido paralisado pela surpresa que lhe causou a energia com que meu pai o tratou, mandando-o pôr, a pontapé, no meio da rua. Por isso, a sua cólera e o seu despeito havia de tramar a nossa desgraça. Fez tremer o palácio com as patadas que deu e os ares com as suas imprecações. Carregou de ferros o meu velho pai e meteu-o no hediondo calabouço duma fortaleza. Aos meus irmãos e a mim, evocando os seus poderes diabólicos converteu-nos em pardais, declarando que só perderíamos o encantamento e o nosso pai sairia da prisão, no dia em que este consentisse no seu casamento com minha irmã.

Conceição—que assim se chamava ela—queria sacrificar-se casando com o bandido, sem que meu pai o soubesse, mas nós não a deixámos.

O meu desgraçado pai morreu na prisão poucos dias depois.

Conceição e meus irmãos, foram morrendo também uns atrás dos outros, com tristeza, e eu próprio estava a ponto de morrer, quando tu me apanhaste esta manhã, fazendo-me acariciar o meu ser e figura de homem. Porque hás de ficar sabendo, que há um meio muito simples de o conse-

guir, Quando o infame bandido lançou sobre nossas cabeças o seu terrível conjuro, um soldado, nosso amigo, que se encontrava presente, conjurando por sua vez, secretamente, conseguiu que o nosso encantamento pudesse ser desfeito por qualquer rapaz em cujas mãos caíssemos, por sermos pardais, pois é sabido que os rapazes gostam muito dos pássaros, conseguindo ao mesmo tempo que, sempre que quizessemos, pudéssemos recuperar, durante meia hora, a nossa figura natural.

Graças a isso pude aparecer-te tal como sou, e como me estás vendo. Se és tão bom como pareces, e te inspiro a compaixão que mereço, pega em mim logo que te levantes. Procura na minha cabeça uma bolinha que lá deves encontrar e, puxando por ela, verás como retomo a figura humana.»

Alberto comovido com aquela história, mal se levantou foi contar a sua mãe o que se havia passado. A mãe disse-lhe: Isso foi um sonho!

Não foi, não mamã.

Chegaram as horas do jantar. A mãe chamou Alberto mas ele só pensava no príncipe pardal, e não tinha vontade de comer. A mãe, então, perguntou-lhe. Porque é que tu não queres comer?

Alberto ficou calado. Comeu só um bocadinho de pão de ló, de que gostava muito e foi-se deitar.

No dia seguinte, assim que se levantou foi à gaiola, pegou no pardal e procurou a bolinha que ele devia ter na cabeça.

Efectivamente lá estava. Alberto puxou pela bolinha. Qual não foi o seu espanto ao ver sair de lá, outra vez o príncipe-pardal.

O príncipe-pardal disse logo: «eu sei que o rei dos bandidos mandou dizer pelo feino que, a quem apanhasse o príncipe transformado em pardal, daria um saco cheio de libras.»

Como é que eu hei-de fugir?—disse o príncipe.

De repente Alberto teve uma idéa: «Olha eu guardo-te na algibeira do meu casaco; faço um buraco, para tu respirares, e ponho lá comida para ti.

O príncipe-pardal aprovou a idéa e recolheu á gaiola,



A FADA CRISTALINA

POR DYNETTE

DESINHOS DE E. MALTA



ERA uma vez um príncipe que gostava muito de caçar. A's duas por três, ei-lo que se punha a caminho, acompanhado apenas por alguns fidalgos do seu séquito e de alguns escudeiros, por montes e vales, de arco e flechas ao ombro.

Vivia num gigantesco palácio, edificado entre jardins e acente sobre enormes rochedos, que dominavam toda a cidade, e donde se via lá em

baixo, ladeado de choupos e salgueiros, correr um lindo rio.

Era na primavera. Os campos enchiam-se de verdura, as arvores estavam carregadas de flores que se transformariam em saborosos frutos, sob a acção ardente do sol alegre e dourado.

Nos regatos e nas fontes, a água cantava entre musgo e ervasinhas verdejantes, e nos ares revolteavam milhares de alegres andorinhas.

Ora o príncipe Igór, nesse dia, mal rompera a manhã, puzera-se a caminho com alguns dos seus habituais companheiros em direcção às montanhas.

O sol estava quentíssimo, ardente, mal podiam andar com o calor, e, extenuados de tanto caminharem, tropeçavam a cada momento.

Entim Igór, já farto de correr sem se lhe deparar nenhuma caça; decidiu descansar debaixo das arvores numa espessa mata, que parecia desafiar o encalmado príncipe a socegar um pouco, no meio daquela frescura.

Igór apeou-se do cavallo que entregou a um pagem, e dirigiu-se sózinho para o interior da mata.

Um alegre rumejar de água chegou-lhe aos ouvidos e alegremente encaminhou-se para o ponto donde o barulho vinha.

Num rochedo, cheio de fetos e avencas, corria um tenue fiozinho de água cristalina que ao escorrer vinha cair sobre umas pedras muito brancas e polidas do mais belo mármore.

Igór, cheio de sede, encheu sófregamente o côncavo das mãos e bebeu-a. Saciou a sede, e depois pensando no bem que lhe saberia sentir aquela maravilhosa frescura lavou com ela as mãos e a cara.

Mas... mal tinha tido tempo de banhar os olhos, com ela, appareceu-lhe, súbitamente, uma lindíssima menina, de longas tranças loures enroscadas em fios de pérolas, e de corpo prido vestido dum tecido prateado.

E o mais extraordinário de tudo era que os olhos não eram como os de toda a gente, pois pareciam duas pedras

preciosas, duas esplendidas safiras, tão maravilhosamente brilhantes eram.

Igór, pasmado da belêza que de toda esta estranha criatura emanava, não podia pronunciar uma palavra, e olhava-a boquiaberto e subjugado.

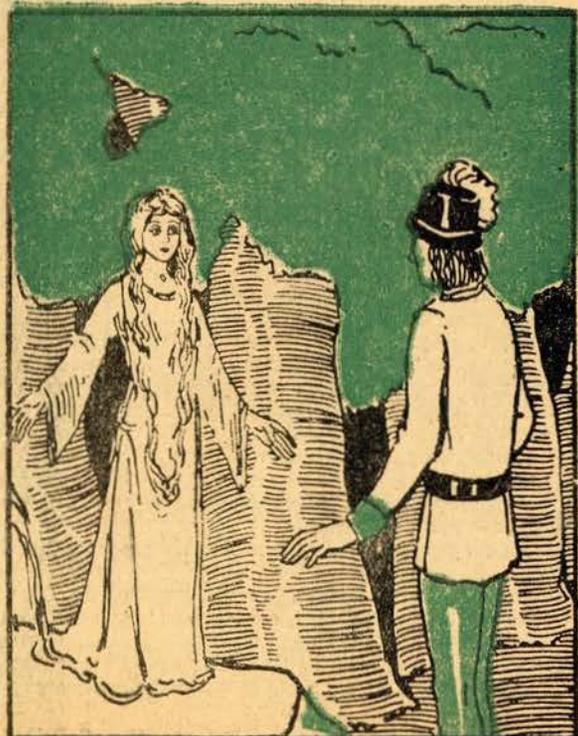
Então a fada — pois que era um fada — falou-lhe numa voz muito doce e cantante, semelhante ao som da água corrente, caindo ao de leve sobre o mármore:

— Ousado mortal, sabes deante de quem te encontras e que castigo te espera ao soarem as doze badaladas do meio dia?

Diante do silêncio do príncipe, ella continuou:

— Eu sou a Fada Cristalina, senhora de todas as fontes destas montanhas, e sobre tudo da fonte encantada, de cuja água bebeste.

O meu castigo para aqueles que ousam provar desta agua maravilhosa, que tem o poder de dar por momentos a dupla vista, isto é, de verem todas as cousas extraordinarias e fabulosas, occultas para os olhos grosseiros dos mor-





tais, que não as podem sequer advinhar, é sepulta-los na mais absoluta cegueira.

Igôr, ao ouvir isto, empalideceu de terror, mas olhando-a fixamente, murmurou com unção:

— Que me importa a cegueira, ó Fada Cristalina, se te vi, e pude contemplar a tua belêza inegalável!

A Fada ao ouvir estas palavras, tocou lhe com a varinha de condão, feita dum só diamante e pronunciando umas palavras mágicas, afastou-se no ar, no meio duma núvem toda prateado, enquanto lhe gritava:

— Abençoado sejas, Igôr, ó predestinado salvador da minha felicidade! e dizendo isto desapareceu ou antes, desvaneceu-se no ar, só se vendo como que uma grande bola de sabão a subir devagarinho pelo espaço.

O príncipe Igôr, estremeceu bruscamente como se tivesse acordado dum sonho, mas ficou muito triste, muito triste.

A lembrança daquele horroroso castigo que se cumprira daí a tão pouco tempo, fez com que lhe viesse vontade de encher os olhos de luz, de despedi-los do sol tão lindo, suspenso no céu azul como um brilhante que, por artes mágicas, tivesse a luz dourada; das ervas tenras dum verde esmeraldino; das flores viçosas e frêscas, esmalhando os vastos campos, emfim de toda a naturêza.

Mal acabara de olhar em redor e de pensar mentalmente na suprema felicidade que ainda possuía, de ver o que o cercava, ouviram-se lá muito ao longe, doze badaladas, na torre da igrêja da sua cidade perdida no horizonte.

De repente, rodearam-no densas trevas, estava cêgo.

II

Quando acordou no outro dia, já farto de sofrer e de chorar a sua triste sorte, procurou orientar-se no meio da sua escuridão e agarrando num ramo sêco duma árvore, que por acaso estava junto dêle, partido, despojou-o das fôlhas e fêz com êle um bordão.

Devagarinho, alquebrado e curvado como um velho, a borda do caminho tateando com o pau, Igôr, dirigia-se à aventura pela estrada fóra.

Toda a gente que o encontrava se espantava de ver aquele rapaz tão novo, tão formoso e tão ricamente vestido, seguindo sózinho sem um único companheiro, apenas arrimado a um pau nodoso.

Assim andou muito tempo. Passaram os dias, as semanas e os mêzes, e êle continuava a vaguear pelos caminhos, comendo do que lhe davam por caridade, bebendo a água das fontes e dormindo ora na borda das estradas, debaixo dalguma árvore, ou na soleira de alguma porta onde o deixavam ficar.

Uma noite muito estrelada, em que fazia um frio de matar e a neve caía em leves flocos sôbre as árvores e os telhados da casaria, sentiu uma mão que segurando-lhe na sua, o obrigou a levantar-se, enquanto uma voz, muito trêmula, lhe murmurava ao ouvido:

— Eu sou uma velha feiticeira, mas não sou má como a maior parte das minhas companheiras, e tive dó do teu penar. Realmente tão novo, pena era que tivesses de continuar toda a tua vida nessa aflicção. Por isso resolvi salvar-te, mas com uma só condição!

— Qual é ela? perguntou o príncipe muito interessado e cheio de esperança.

A bôa velhinha pôs-lhe a mão no ombro e prosseguiu:

— A condição é que has-de livrar minha filha do seu encantamento.

— Salva-la-hei, disse êle com firmêza.

— Mesmo que te tenha feito sofrer? perguntou a feiticeira admirada.

— Mesmo que me tenha feito sofrer! disse o príncipe com ardor.

— Bem, prosseguiu ela, então pôr-te-hás a caminho, num cavalo que te vou dar, e irás em busca da Fortuna, que anda sôbre as águas do mar, sôbre um glêbo de cristal.

Dar-te-hei a vista para que a vejas, mas se a não pu-

deres alcançar, ficarás outra vez cego e desamparado, mas então até ao fim da tua vida.

O príncipe prometeu agarrar a Fortuna, e, agarrada esta, levá-la para o castelo da Felicidade, onde estava presa a filha da feiticeira.

Esta então deu-lhe um cavalo todo branco ajaezado de ouro e pedrarias e que tinha duas asas muito grandes, que pareciam de madreperla.

Igór montou no cavalo, e, mal lhe pegou nas rédeas, recuperou a vista.

Despediu-se da feiticeira que lhe deu uma rosa, que o impedia de morrer e lhe permitia andar a cavalo sobre as águas do mar, rosa esta que colocou entre a camisa sobre o coração, e dando de esporas ao cavalo... partiu!

III

O cavalo não corria, voava a pequena altura do solo e para ele não existiam obstáculos.

Para passar qualquer rio, mata ou floresta elevava-se nos ares e desaparecia bem depressa ao longe, deixando atrás de si cidades e aldeias.

Como era invisível assim como quem o montava, ninguém podia suspeitar por detrás daquela nuvemzinha branca que atravessava o espaço, correndo a bom correr, o cavalo onde Igór ia em busca da Fortuna.

Depois de muito andar, lá avistou por fim, muito ao longe, a seguir aos areais esbranquiçados da praia, o mar azul-esverdeado onde só se quebravam furiosas, ondas de espuma.

Pegando, então, na rosa, o príncipe, subiu sobre o mar encapelado e profundo e deitou em louca correria.

Ao cabo dalguns dias em que continuava a correr sobre a massa transparente das águas, avistou, enfim, uma jo-

vem, mulher muito formosa, que, sobre um glóbo de cristal, irisado de cores, corria com a rapidez dum relâmpago à superfície do mar.

Igór, enchendo-se de coragem, meteu esporas ao cavalo que voou tão rapidamente que o vento fazia, ao passar sobre os navios e caravelas, desencadear tempestades.

Estava já quase a alcançá-la, faltavam-lhe apenas uns metros e eis que se punha a fugir outra vez tão velozmente que era impossível agarrá-la.

Igór já desesperava, quando lhe veio uma idéia.

Aproximando-se outra vez da Fortuna, lançou-lhe desfolhada, a rosa que lhe dera a feiticeira.

Imediatamente a Fortuna fraquejou e enfim o príncipe ponde agarrá-la e levá-la até ao palácio da Felicidade onde a filha da feiticeira o esperava para ser liberta.

Com a espada na mão dirigiu-se à torre mais alta que era feita de porcelana branca, e abriu a porta dum cela, onde jazia inanimada quem?... a fada Cristalina!

Era ela a filha da feiticeira, aquela que o tinha castigado com tanta crueldade.

Cumprindo a sua promessa, esqueceu-se dos antigos agravos, e fê-la voltar a si, dando-lhe a beber a água dum jarro de marfim que estava junto dela.

Então a Fortuna apareceu-lhes e disse:

— Tiveste sorte, ó príncipe, de me agarrares, pois poucos são os mortais que teem essa felicidade.

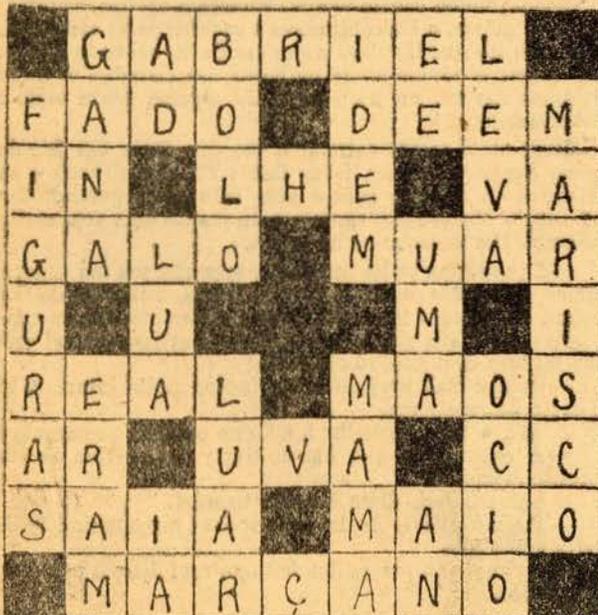
Em paga da tua coragem e persistência faço-te o homem mais rico do mundo e o mais poderoso.

E assim foi. A Fortuna deu-lhe um palácio todo feito de pedras preciosas, onde o ouro e o dinheiro eram inextinguíveis, e onde viveram muito felizes em companhia da boa feiticeira que lhes ofereceu, como presente, o dom de morrerem apenas quando estivessem aborrecidos da vida.

E daí em diante, bem poucas foram as pessoas que tornaram a agarrar a Fortuna!

F I M

PALAVRAS CRUZADAS



MADE REIS OLIVEIRA

SOLUÇÃO

O Príncipe Pardal

(Continuado da pág. 3)

Alberto foi almoçar; nesse dia já tinha apetite. Depois do almoço vestiu-se, meteu o pardal na algibeira, fez um buraquinho, pôs comida e foi passear para um grande jardim, onde havia um lago. Alberto só pensava na sorte do príncipe-pardal e foi passear à roda do lago. De repente apareceu uma rã que perguntou a Alberto o que é que tinha. Alberto contou tudo. E a rã disse-lhe: «olha toma este cabelo e quando precisares alguma coisa enrôla-o no dedo». Dito isto partiu. Alberto contou então ao príncipe o que a rã lhe dissera. O príncipe pardal exclamou: «faze que apareça aqui uma espada que possa matar cem homens dum só vez».

Alberto enrolou o cabelo no dedo e logo apareceu uma espada em ouro cravejada de pedras preciosas.

Depois dirigiram-se aos bandidos e mataram-nos todos. O príncipe-pardal era já rei. Depois Alberto mandou chamar a mãe dele, houve muita festa, e acabou-se a história.

F I M

CORRESPONDENCIA

Manuel Aguiar—Os trabalhos que enviarem, deverão vir sempre separados das cartas, não ser copiados, escritos de um só lado do papel e em letra bem legível.

Também não devem esquecer a idade.

Facilitam imenso se procederem desta maneira.

Francisco Manuel Ventura—Sobre as outras histórias não posso dizer nada.

Se tivesse alguma cópia tinha interesse em lê-la.

Gertrudes Pereira—Vou ilustrar os seus versitos para virem na secção «Barraca de Fantoques».

Será conveniente que não excedam as seis quadras, qualquer assunto que envie.

Maria Luíza Marinho—Não desanimes pois logo que possa farei o que prometi.

TIOTÓNIO

Esperança

POR FERNANDO A. SIMOES

Desenhos de EDUARDO MALTA

(CONTINUADO DO NÚMERO ANTERIOR)

«Conquanto nos Estados Unidos se façam muitas coisas que espantam o mundo inteiro, principalmente a caduca Europa, não me consta ainda que existam fábricas de parentes articulados.

Os outros dois soltaram uma gargalhada, e o que primeiro falava exclamou:

— Não, não arrançaremos nenhum parente articulado. Os nossos esforços de hoje para o futuro devem limitar-se a procurar conhecer ao menos o seu nome. Por aí, indagaremos a sua nacionalidade, porque não sei se sabem, meus senhores, que o pobre homem, conquanto fale só o inglês, não o fala tão perfeitamente que se não veja que não é inglês nem americano.

Neste momento abriu-se a porta da sala onde os três médicos estavam, e apareceu uma enfermeira com uma bandeja, na qual se via um carão de visita. Entregou-o ao primeiro dos três médicos, que parecia ser o director daquela casa de saúde, e saiu.

O médico voltou os olhos para o bilhete e murmurou:

— Jorge Soares! Não o conheço. Que quererá ele?

E voltando-se para os outros dois:

Segundos depois estava confortavelmente instalado numa poltrona do seu gabinete, e ante elle, sentado também numa poltrona, encontrava-se Jorge Soares, esse rapaz admirável, por essa extraordinária esperança em voltar a ver seu pai, esperança que obstáculo algum conseguia evitar.

— Doutor, sou português, e os meus conhecimentos de inglês são muito limitados para poder sustentar uma conversação.

«Se não encontra obstáculo algum, falaremos francês, conheço perfeitamente.

— Se o senhor é português, conversemos na língua da sua pátria. Estive dois anos em Portugal, e nas horas vagas, tenho-me dedicado ao estudo dessa língua que agrada imenso.

— Oh doutor, dá-me com isso muito prazer. Mas vamos ao motivo da minha visita:

«Meu pai era contramestre dum barco chamado «Nepituno», que todos os anos vinha a Terra-Nova pescar bacalhau.

«Há meses, quando se dirigia a esta terra, naufragou, devido a uma enorme tempestade, que o precipitou de encontro a uma minúscula ilha ao norte da Terra-Nova.

Três dias depois, um barco hespanhol, devido a outra tempestade, foi lá bater também. No entanto não naufragou, mas foi forçado a acostar á ilha. No dia seguinte, aranjadas as avarias do barco, este fez-se novamente de vela, para a Terra-Nova, levando a bordo mais um homem, um português que escapara milagrosamente ao primeiro naufrágio, e que permanecêra durante três dias nessa ilha abandonada.

«Esse homem voltou, julgando que na ilha ficara um homem, por que no momento em que o barco se fazia ao largo, lhe parecêra vêr duas mãos agitar-se no ar e uma voz gritar por socorro.

«Desembarcaram logo, mas por mais que procurassem,

durante mais de duas horas, nem vestígios do homem encontraram.

«Foi com os companheiros à Terra-Nova, ajudá-los na pesca do bacalhau, e meses depois, regressou a Portugal.

«Os portmouros do seu naufrágio, tiveram o condão de, sem eu mesmo saber porquê, me convencerem de que esse homem era meu pai.

«Ancioso por adquirir a certeza, resolvi vir eu vêr se o encontrava. Comprei um «yatch», e fui a essa ilha. Em logar de meu pai, encontrámos um homem que nos disse pertencer a um barco de contrabandistas que vinha sendo perseguido por um cruzador americano, devido a uma denuncia sua, o que sabido pelo capitão, este tomou a resolução de ir pô-lo nessa ilha onde deveria morrer, como castigo da sua traição.

«Disse também que quando chegaram à ilha, encontraram lá um pobre louco que elles levaram para bordo do barco.

«Soube depois, que esse barco de contrabandistas havia sido apanhado pelo cruzador e a sua tripulação levada a um tribunal de Nova-Iork, onde havia sido condenada à morte.

«Fiquei convencido que esse homem que os contrabandistas haviam trazido era meu pai, e pode calcular agora a minha anciedade, ao saber que meu pai estava entre homens que haviam sido condenados à morte. Se elle o tivesse sido também?

«Vim a Nova-Iork onde me informei minuciosamente do destino desses homens, e soube que o louco, cuja inocência havia sido provada, e afirmada por todos os contrabandistas, se encontrava numa casa de saúde, onde estava sendo sujeito a tratamento».

Ompreende agora, doutor, o motivo da minha visita?

O médico, que seguira anciosamente todas as peripécias da narrativa de Jorge, levantou-se excitadíssimo da poltrona. Os seus olhos brilhavam de entusiasmo, e mal podia dominar a sua impaciência durante as ultimas palavras de Jorge. Quando elle acabou, pegou-lhe no braço.

— Venha comigo, disse.

Levou-o junto dos outros dois médicos, e depois de os ter apresentado a Jorge, declarou-lhes quem era e ao que vinha.

— Oh! Mas isso é a cura, que nos entra pela casa dentro! exclamou um deles.

— Sim decerto, disse o outro. E sendo assim, doutor, creio que já não precisa dos tais parentes articulados, de que eu pensava já fazer um fabrico, para o ajudar nas suas curas.

— Oh doutor! Sempre gracejando!

«Mas vamos ao que importa: acham que devemos experimentar já, sem perda de tempo?

— Certamente. Nada se perde pela brevidade.

— Venha então:

(Conclue no próximo número)



O PEQUENINO E O GIGANTE

por P. PEREIRA SALGADO

ERA uma vez um pequenino muito alegre e brincalhão, que de sol a sol não fazia outra coisa senão cantar.

Andando certo dia num bosque, muito longe de casa, viu um regáozinho de água cristalina, e, como estava com uma sede fortíssima, pelo muito que havia cantado, parou e pôz-se a beber.

De repente sentiu-se agarrado pelas costas e viu-se nas mãos dum gigante tamanho, que lhe parecia mil vezes maior do que ele.

O gigante mirou-o satisfeitíssimo; meteu-o dentro dum saco e pôz-se a andar.

O pequenino chorou, lutou, sendo todos os esforços infrutíferos para romper o saco, porém o gigante riu-se de tantos trabalhos e limitou-se a agarrar melhor o saco, continuando sempre o seu caminho.

Afinal chegaram à casa do gigante, um lugar medonho, cercado de muros muito altos e onde não havia árvores nem flôres, como no bosque.

O gigante fechou a porta e tirou do saco o pequenino.

O pobre cativo imaginou que tinha chegado a sua última hora, quando viu um grande lume na chaminé e duas vítimas maiores do que ele, postas no espêto a assar, para serem comidas pelo gigante.

Este, porém, não matou o pequenino e contentou-se em fechá-lo numa prisão, que já tinha pronta para ele.

A prisão também era de meter pavor, toda cercada de barras de ferro, não muito grossas por o pequenino ter pouca força.

Mas o pequenino, dizendo mal à sua vida, ora batia com a cabeça contra as grades de ferro, ora andava numa roda viva por toda a prisão. Para que o pequenino não

morresse à fome, nem à sede, ele poz-lhe algumas sopas e uma pouca de água.

No dia seguinte, o gigante apareceu-lhe, e percebendo que ele não tinha tocado nas sopas, agarrou-o com uma das mãos, e com a outra atafulhou-lhe o comer pelas guelas abaixo.

Só assim é que o pequenino comeria, aflito como estava. Deixaram-no sózinho mais outro dia, um dia triste e sem fim.

O desgraçadinho pensava nos lugares onde tinha vivido, nos companheiros, na luz do sol, e nas muitas coisas boas que estava habituado a comer. Quanto mais pensava, maior desespero sentia, e atirava-se às grades da prisão ansioso por fugir pelos intervalos ou de se despedaçar contra elas.

O gigante voltou, e, querendo que o pequenino cantasse porque vinha bem disposto, disse:

— «Canta pequenino. Canta!»

Podia lá cantar, com aquela tristeza e fechado numa prisão!

Por fim o gigante zangou-se e agarrou-o.

O pequenino deu um grito fortíssimo, estrebuchou, lutou desesperadamente, e ficou morto na mão do gigante.

*

Os meninos julgam talvez esta historia falsa. Pois enganam-se: é verdadeira.

O pequenino era um passarinho e o gigante um rapaz muito mau.

F I M